



SMK

Knowledge Exchange Sessions

TOMÁS DE LARA

ESPECIALISTA EM NOVOS MODELOS
DE NEGÓCIOS EM REDE

SHARING ECONOMY

A ERA DO COMPARTILHAMENTO

NEGÓCIOS EM REDE, ECONOMIA CIRCULAR E CRIAÇÃO COLABORATIVA SÃO ALGUMAS DAS LINHAS QUE MOLDAM O MOMENTO DE PROFUNDAS TRANSFORMAÇÕES QUE VIVEMOS - E QUE DEVE INFLUENCIAR SIGNIFICATIVAMENTE A ESSÊNCIA E OS MODELOS DE NEGÓCIO DE GRANDES EMPRESAS E MARCAS

Por GoAd Media

Se firmando cada vez mais como plataforma referência de conteúdo ligado à inovação, o **KES (Knowledge Exchange Session)**, realizado no dia 3 de maio, no charmoso espaço Balsa, no Centro de São Paulo, deu luz a um tema que ainda está à margem da agenda de muitas grandes empresas: **economia do compartilhamento**, ou **sharing economy**, do termo original em inglês.

O movimento é muito associado às empresas com espírito de startup e veia digital que surgiram já no século XXI, impulsionadas pelas infinitas possibilidades da internet. Só para citar algumas das mais conhecidas: *Airbnb* e *Uber*, que utilizam a tecnologia como meio para negociações entre pessoas. O sucesso é inquestionável. Se em 2010 o *Airbnb* contava com 50 mil quartos ou apartamentos disponíveis, em 2015 já eram mais de 980 mil ao redor do mundo. No *Uber*, o fundo de investimento da empresa aumentou impressionantes 6.000% em cinco anos.



Tomás de Lara

Especialista em novos modelos de negócios em rede: crowd-economy, sharing-economy, circular-economy, peer-to-peer economy.

Empreendedor social e articulador de redes por vocação, Tomás estuda a catálise de novos negócios baseados em uma economia mais sustentável – no significado mais amplo da palavra. Atualmente é co-líder do Sistema B Brasil - iniciativa que promove empresas comprometidas com questões sociais e ambientais.



“...A possibilidade de geração de conteúdo pelos próprios usuários, as novas formas de consumo e de relacionamento e as crises de escassez que enfrentamos no mundo nos trouxeram até aqui”

Especialista e pesquisador da *sharing economy* e suas nuances, o brasileiro Tomás de Lara foi o palestrante desta edição do **KES** que debateu o tema. Ele ressaltou que o motor propulsor das empresas dessa “era do compartilhamento” é a “rede”. A criação colaborativa de projetos, produtos e serviços, na *internet*, tem dado novos tons à economia. E o compartilhamento de bens, espaços ou conhecimento desponta como tendência entre consumidores que não enxergam a *sharing economy* como alternativa, e sim como estilo de vida.

O contexto de surgimento dessa era, diz Tomás de Lara, foi moldado ao longo da história. “Tivemos avanços e mudanças em modelos de negócio e formas de consumo desde a primeira Revolução Industrial. Mas foi um fato recente, o surgimento da *internet*, que delineou o momento que estamos vivendo hoje. A possibilidade de geração de conteúdo pelos próprios usuários, as novas formas de consumo e de relacionamento e as crises de escassez que enfrentamos no mundo nos trouxeram até aqui”, analisou.

Hoje, novas empresas e modelos de negócio surgem de forma fluida, a partir da construção coletiva, e utilizam a rede e a tecnologia para ganhar escala de forma sustentável. No entanto, embora esses modelos já tenham seus representantes gigantes - vide o poderoso Vale do Silício -, ainda são tratados à margem na pauta de grandes corporações mais tradicionais. O sinal amarelo, defendeu Tomás, já ascendeu faz tempo. “Já vimos ícones do século passado, como a *Kodak*, fecharem as portas pela resistência em se adaptar ao que era inevitável”, completou.

O especialista afirma que faz sentido que grandes corporações, as ditas tradicionais, sejam mais lentas para se mover rumo às inovações. Porém, destaca que a adaptação, a revisão e até a reconstrução de modelos de negócios é que vão garantir crescimento sustentável. E a justificativa é simples e palpável: o consumidor e as formas de consumo não são mais as mesmas. Os critérios para escolha de produtos também não.

Nessa avalanche de transformações, há um elemento central que tem direcionado tanto esses novos modelos de negócio quanto a adaptação de modelos tradicionais: a geolocalização. É esta tecnologia capaz de mapear, rastrear, localizar e conectar pessoas e empresas que tem sido ponto comum para construção de uma economia forte. “É um fenômeno massivo e que sem dúvida alguma dá o tom à essa economia do compartilhamento”, disse Tomás.





**“NÃO PRECISO DE UMA FURADEIRA.
EU PRECISO DE UM FURO NA PAREDE”**

A frase acima retrata bem a economia do compartilhamento, diz Tomás. A nova organização da sociedade em rede deu às pessoas o poder de interação e de colaboração entre elas. Nessa toada, tudo - entenda-se tudo mesmo - que pode vir a se tornar uma plataforma vai se tornar uma plataforma. “Esse conceito é forte porque traduz o sentido do que é rede e do que faz sentido para ela. E quando falamos de rede, estamos falando de pessoas. Nós somos a rede”, analisou.

Não é preciso ir longe para visualizar o que Tomás de Lara aborda. A ascensão das redes sociais conectadas e dos comunicadores instantâneos, o financiamento coletivo, entre outros tantos movimentos, comprovam que a criação colaborativa está delineando os modelos de negócios mais leves e sustentáveis do mundo.

ADAPTAÇÃO INOVATIVA

Entre as indústrias tradicionais - e seculares - que mais têm sido impactadas por novas demandas do mundo está a automotiva. Aplicativos de compartilhamento de carros, a necessidade de alternativas de mobilidade urbana e até questões ambientais colocaram esse segmento na berlinda. Como resolver a questão? Enfrentando os desafios e reposicionando os modelos de negócio. Tentando inovar - fazer o novo - de forma que seus negócios sejam readequados à nova era.

Na troca de conhecimentos e experiências que houve na *session* do **KES**, o executivo Mateus Silveira, da FCA (*Fiat Chrysler Automobiles*), destacou que essa indústria está fazendo avanços mais amplos sobre o entendimento do papel do carro na cidade. “Precisamos fazer isso para promover e participar das questões de mobilidade e de como ela pode melhorar a vida das pessoas. Não somos uma indústria automotiva. Somos a indústria da mobilidade”, disse.

Dario Marchetti, da Danone, ressaltou que a nova geração de empresas com veia digital está puxando as indústrias tradicionais para a nova era. “Há quem faça isso por convicção. E há quem faça porque precisa fazer. É algo que vai durar? É um movimento que tem força? Talvez o melhor modelo seja o híbrido entre o tradicional e o novo”, apontou.



"NÃO HÁ MAIOR
FONTE DE INSPIRAÇÃO
PARA A GESTÃO
DE UMA EMPRESA
DO QUE A NATUREZA
COM SEUS 3.8 BILHÕES
DE ANOS DE
RESISTÊNCIA
+ ADAPTAÇÃO
& EVOLUÇÃO"

≡ KES ≡

COM
Tomás de Lara

SHARING ECONOMY

03-05-16 NA Balsa

DESAFIOS COLETIVOS, SOLUÇÕES COLABORATIVAS

De que forma as indústrias e suas verticais mais tradicionais podem se adaptar à nova era? Como produtos e serviços criados no século analógico podem fazer sentido na era digital? E mais: por que modelos de negócios conservadores e ainda hoje sólidos se moveriam rumo ao compartilhamento e à colaboração?

As respostas podem ser muitas - e pouco conclusivas. O próprio Tomás de Lara ressaltou que tudo pode ser revisto e moldado o tempo todo. Mas há, sim, alguns cenários já delineados em termos econômicos e de urgências sociais que nos sinalizam de que forma o mundo está se movendo. A partir da apresentação de Tomás de Lara, nós, do **KES**, apontamos aqui alguns desses quadros:

1 - SUSTENTABILIDADE

A escassez de recursos naturais e os desafios ambientais do planeta não devem paralisar a economia. No entanto, as mesmas empresas que compõem essa economia não podem fechar os olhos para os desafios que são de todos. É, sim, obrigação pensar, repensar e até reconstruir modelos de negócio integrando o lucro ao desenvolvimento socioambiental. É a lógica da sustentabilidade, que na “era do compartilhamento” vira critério para os consumidores: *compro ou não o produto dessa empresa? Ela respeita o meio ambiente? E a comunidade que a cerca?*

2 - MENOS É MAIS

Para os consumidores mais jovens, a lógica da colaboração e do compartilhamento é tão natural quanto comprar um carro sem precisar dele foi no século passado. As questões que cercam as novas demandas de consumo são inúmeras, mas algumas delas cada vez mais constantes: *por que ir ao trabalho sozinho se posso compartilhar meu carro? Por que não ir de bicicleta e contribuir para a mobilidade na minha cidade e, de quebra, ajudar a minha saúde? Por que comprar um vestido se posso receber uma doação de quem não usa mais?*

3 - INTERDEPENDÊNCIA

Tomás de Lara destacou que os modelos de negócio que mais têm feito sentido para ele são baseados no princípio da interdependência. Nesses modelos, todos os personagens que compõem seu ecossistema estão conectados e compartilham o peso e o poder das decisões. Tudo isso a partir de uma visão sistêmica e em rede. É o pensamento linear se sobressaindo ao hierárquico. É a visão holística ganhando espaço.

Se o que vai prevalecer nos próximos anos serão esses modelos, não podemos prever. Mas é possível afirmar que essas iniciativas, impulsionadas pela tecnologia, nascidas com missão, propósito e brilhos nos olhos de seus criadores, estão mudando a cara da economia, as formas de consumo e de relacionamento e puxando indústrias tradicionais e sólidas rumo ao futuro com uma nova roupagem, mais linear e colaborativa.

NÃO É MODA. NÃO É FASE. NÃO É ONDA. É A ERA DO COMPARTILHAMENTO - INCLUSIVE DE PROBLEMAS E SOLUÇÕES

O que é economia do compartilhamento

É o movimento surgido a partir de modelos de negócio nos quais empresas atuam de forma linear, descentralizada, utilizando tecnologia como meio para conectar pessoas, possibilitar negócios entre elas, de forma crescente e em rede. Isso ocorre de forma colaborativa, não só visando o lucro, mas também resolvendo demandas contemporâneas do mundo: mobilidade urbana, hospedagem, escassez de recursos, entre outras.

O que é economia circular

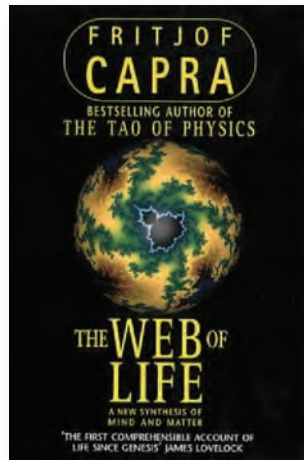
A maneira mais simples de explicar a **economia circular** é em oposição à **economia** linear que conhecemos e praticamos, baseada no processo de “extrair–produzir-descartar”. Nesse sistema linear de produção, o crescimento econômico depende do consumo de recursos finitos.

O que é *crowdsourcing*

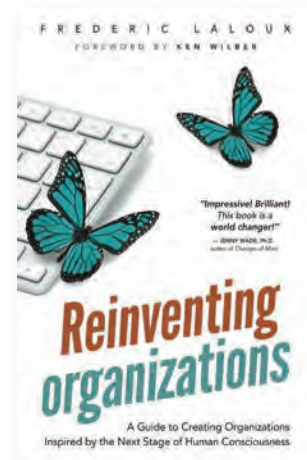
Utiliza o poder da rede e de suas criações coletivas para criar produtos, soluções para problemas e até atrair investimentos de forma espontânea. Vai na contramão dos modelos de negócios onde decisões são tomadas nas salas de reunião. O *crowdsourcing* abre para a rede a responsabilidade das decisões.

LITERATURA RECOMENDADA SOBRE O TEMA

LIVROS:



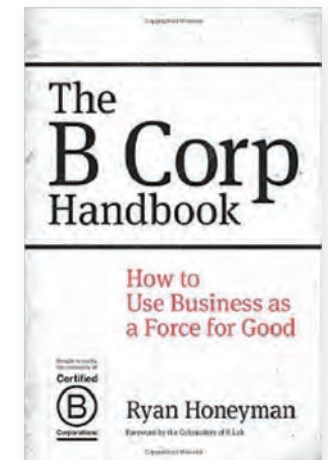
**THE WEB OF LIFE:
A NEW SCIENTIFIC
UNDERSTANDING
OF LIVING SYSTEMS**
Autor: Fritjof Capra



**REINVENTING
ORGANIZATIONS**
Autor: Frederic Laloux
and Ken Wilber



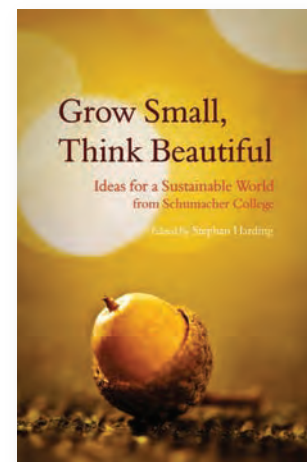
**EXPONENTIAL
ORGANIZATIONS**
Autor: Salim Ismail



**THE B CORP
HANDBOOK: HOW TO
USE BUSINESS AS A
FORCE FOR GOOD**
Autor: Ryan Honeyman



**CRADLE TO CRADLE:
REMAKING THE WAY
WE MAKE THINGS**
PAPERBACK
Autor: Michael
Braungart



**GROW SMALL, THINK
BEAUTIFUL: IDEAS
FOR A SUSTAINABLE
WORLD FROM
SCHUMACHER
COLLEGE PAPERBACK**
Autor: Stephan Harding

ARTIGO:

Oui Share Magazine
**HOW WILL WE WORK IN THE POST
INDUSTRIAL WORLD?**
Autor: Tomás de Lara

<http://magazine.ouishare.net/2016/05/how-will-we-work-in-the-post-industrial-world>

INSPIRED BY:

Accenture **Interactive**
Part of Accenture Digital



Knowledge Exchange Sessions

WWW.KES.DO

INSTAGRAM

TWITTER

FACEBOOK

G+

LINKEDIN